

ALBERTO LACET
A SUBSTÂNCIA
BROWN

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Martim Assueros Gomes

IMAGEM DA CAPA: David Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L131s LACET, Alberto –
A substância brown / Alberto Lacet – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.
152 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-559-1

1. Contos. I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

O DESENHO E O PINCEL DA NARRATIVA

Tive o prazer proporcionado pela leitura de alguns contos de Alberto Lacet. Como dos seus quadros, a primeira impressão é de uma viagem onírica onde nossa capacidade cognitiva é desafiada pelo refinamento da narrativa.

Se na literatura a forma assume importância que rivaliza com o conteúdo, em Lacet contista, nos deleitamos com essa arquitetura pela originalidade, e chego a pensar até que a arte da sua fraseologia tem a ver com a do seu desenho.

Interessantemente, em alguns contos, a exemplo de *O Truque* e *O Céu na Terra*, a impressão depois de algum tempo é da imagem renitente de um quadro. Do primeiro restam os bonecos de palha e pano, munidos de fuzis de pau, que estavam ali para engodo do Coronel Silveira Dantas. Do segundo, o aglomerado pretume de urubus empanzinados das pestilentas vítimas da seca implacável, protegendo-se do calor escaldante ao abrigo de um umbuzeiro frondoso.

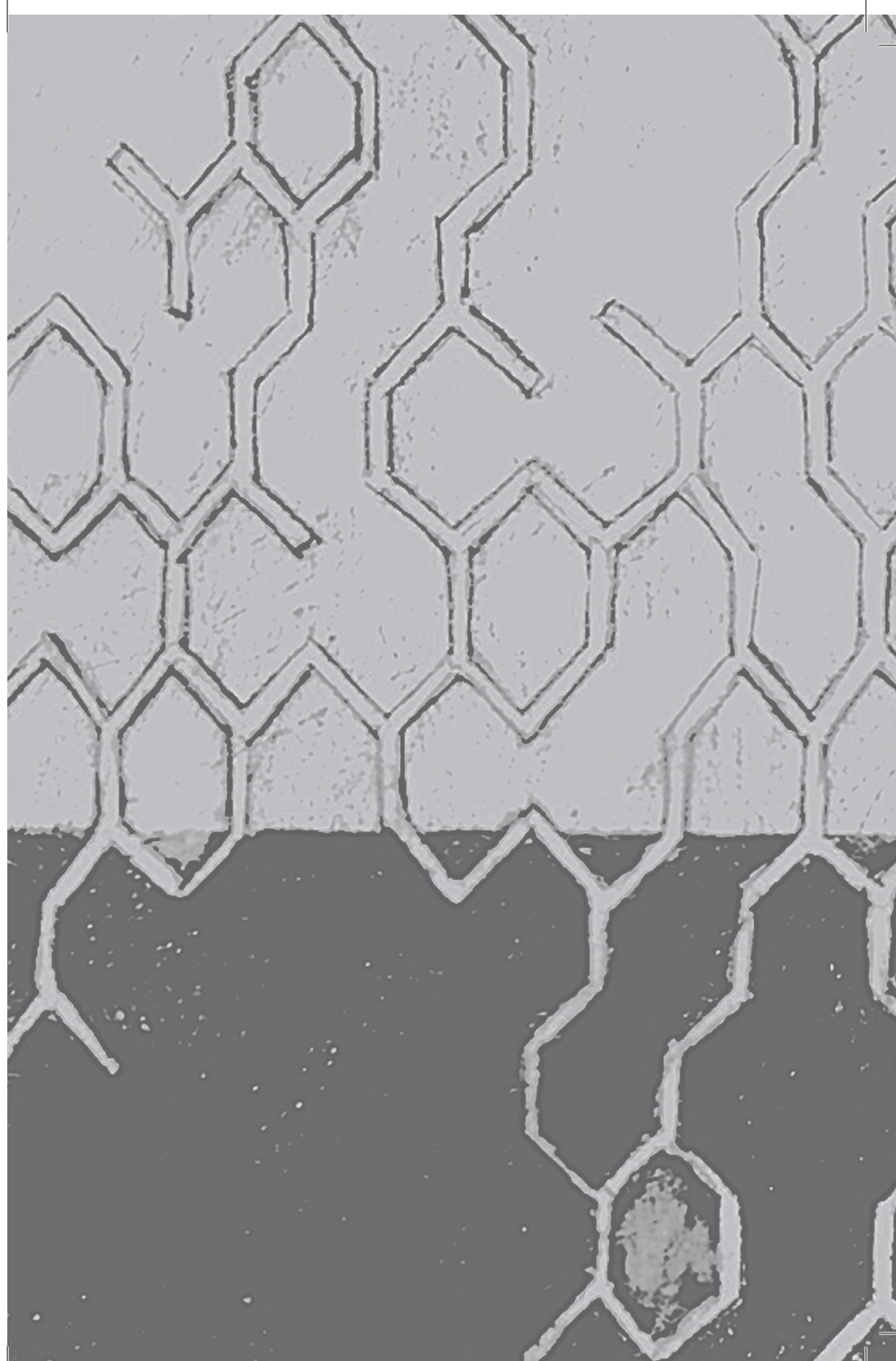
Mas tal como em um discurso político, Lacet, em certos momentos e com finíssima ironia, não deixa de denunciar o mandonismo dos grandes proprietários, bem como os programas assistenciais que são, em essência, fontes de locupletação. Nesse marco, com a sutileza do artista, faz avultar o fenômeno do dualismo que alguns sociólogos definem como a convivên-

cia entre o novo e o arcaico, a exemplo da paulatina substituição de cavalos e jegues por motos na cena sertaneja.

Belíssima na expressão literária de Lacet cabe enfim dizer, é a extraordinária fidelidade a uma natureza povoada por personagens verossímeis e matizada por uma fauna e uma flora castigadas nos prolongados períodos estivais e tão exuberantes nas águas. Esse quadro tem o poder de nos transportar às latitudes e circunstâncias de um sertão sofrido mas esperançoso, em razão do caráter resiliente do seu povo.

FRANCISCO ANTONIO CAVALCANTI

Engenheiro e escritor





O TRUQUE

A notícia da morte do fazendeiro, Capitão de Patente e primeiro exportador de sisal da Paraíba, Silveira Dantas, há décadas convertido em chefe político, também num dos últimos grandes coiteiros do Nordeste, chegou ao final de uma manhã de domingo de 1960. Apesar dos meus seis anos de então, não pude deixar de sentir, como todos de lá, os abalos trazidos por uma notícia que – simplesmente – escrevia com letras garrafais o epitáfio de uma era.

O efeito foi o de uma bomba, com seu relato cinematográfico da tragédia. Correndo de boca em boca, a narrativa se fragmentava por seus diferentes momentos sem ordem cronológica, com tudo acontecido naquela mesma manhã ainda por se extinguir completamente, e deixava uma população estupefata.

Hoje, ao lembrar-me de alguns daqueles *flashes*, ainda mais coisas de cinema me parecem, tentado que sou a repor um pouco de linearidade àqueles relatos, pois suspeito que a tendência natural de alguém tão menino fosse fragmentar o que sua mente não podia abranger.

Uns poucos metros de cerca mais para lá, mais para cá: foi o pomo da discórdia entre ele e seu renitente vizinho de terras no Vale das Espinharas.

Não se sabe quem primeiramente adulterou o antigo traçado de limites entre eles e moveu aquela cerca do lugar, embora alguma suspeita pudesse inicialmente recair sobre Silveira, re-

conhecidamente porta-voz de um tipo de autoritarismo cujas origens se perdiam no bandeirantismo. Porém o fato é que as intervenções posteriores foram se repetindo de ambos os lados, e apesar da ausência de testemunhos dando conta de escaramuças anteriores, provocações e ameaças, a rudeza de tais atos não deixava margem para arrependimentos.

Alguma possibilidade de solução negociada parecia haver se esvaído, e, àquela altura, encalacrava-se na via sem retorno do confronto armado. Consciente disso, talvez, bem como de sua desvantajosa posição no entrevero que se aproximava, em algum momento o velho vislumbrou na emboscada uma estratégia pela qual pudesse tentar, ao menos, equilibrar-se na disputa. No rarefeito cenário do vale aberto, quase sem fim, era evidente que ia precisar não só de uma boa dose de astúcia, mas também de sorte, caso se pretendesse manter na terra.

Junto com seus três filhos, então, o velho tratou de montar, cuidadosamente, o plano da armadilha.

Pelo enredo inverossímil, e também pela ausência de qualquer experimento anterior, o plano deveria falhar, embora o fator surpresa apostasse todas as suas fichas num ineditismo com qualquer coisa de demoníaco. Além disso, no andar da carruagem o velho contaria ao seu favor com a grosseira subestimação que lhe dispensava o rival, e a pequenos detalhes do ambiente, à primeira vista, desprezíveis, como o amplo descortino da planície. Os ariscos cascos de um cavalo...

Naquela manhã de domingo, bem cedo, depois de uma vistoria pela área de litígio, um moleque em lombo de cavalo entra a galope e em grande alvoroço no pátio da 'Fazenda Liberdade' – propriedade de Silveira. O pequeno olheiro irrompe gritando a notícia de que novamente aqueles vizinhos tinham mudado a posição da cerca. Mais uma vez tinham avançado com ela, que assim recuava dos limites em disputa.

A uma boa distância da cerca, para dentro das terras vizinhas, o moleque alardeou ter visto homens armados. Pareciam montar guarda de longe, ele disse. Silveira ouviu aquilo e após os primeiros impropérios, chamou seus homens e ordenou-lhes que se fizessem às armas, e que ficassem de prontidão.

Em seguida, ele chamou Zé de Nuna, o motorista, e juntos subiram a Serra de Teixeira no negro e reluzente Packard, direto para o sítio de Poços, onde foi buscar mais algum reforço. Pretendia, sem demora, voltar com aquela cerca para o lugar onde a pusera antes.

Nequim Lira, meu avó materno, já então paralítico, antigo delegado de polícia agora reformado, viu a pressa daquele automóvel passando em frente à sua janela, e naturalmente reconheceu o dono, assim como ao destino que tomava no momento.

Talvez tenha até evocado em sua mente a troca de reféns, 31 anos antes, protagonizada por eles, numa conturbada negociação feita entre a polícia e um bando de cangaceiros, mas que, a ambos – Silveira e ele – devolveria a liberdade. Apesar dos anos, aquele passado ainda se fazia presente para muitos naquela terra, e alguma chispada de pneus na pequena ladeira que inicia a rua Dr. Manoel Dantas, ali sob seus olhos, naquele momento tivesse ainda mais aguçado sua atenção, atento como sempre a sinais intempestivos, e a quem, de reconhecida experiência feito ele, não tinham como passar despercebidos.

Naquela calma manhã de domingo, quando os pneus ‘cantaram’ na subida em frente à igreja de Sta. Maria Madalena, boa parte dos habitantes da cidade estava dentro dela, que fica no lado da rua oposto à casa de Nequim. Pouco tempo depois, mal acabara a missa, com a massa de devotos ainda por se dispersarem em volta da igreja, estava o Packard de volta.

No mínimo, quando o automóvel passou novamente, seguido do velho caminhãozinho com sua carga de homens armados e a muita agitação, o Sargento Nequim certamente de-

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em setembro de 2019.
